

# Ana Amélia Camarano<sup>1</sup>

## Envelhecimento e consumo: o que mudou com a pandemia?

“Na história, quando se pensa que acontecerá o inevitável, ocorre o imprevisto”  
(Fernando Henrique Cardoso, 1985)<sup>2</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

**F**alar de envelhecimento e consumo em tempos de pandemia é um grande desafio, porque a maior parte da população brasileira está vivendo uma situação nunca antes vivida. E, que está botando muitos paradigmas no chão, mas não se sabe ainda o que será colocado no lugar. Por isto, este texto só apresenta perguntas e nenhuma certeza sobre o que mudou nessa relação de consumo e envelhecimento com a pandemia.

Parte-se das mudanças já desencadeadas nos processos sociais e demográficos que podem impactar a relação estudada, como por exemplo, mudanças no regime demográfico. Foi subdividido em sete seções, incluindo esta introdução. Nestas, além do regime demográfico, discute-se como fica a terceira idade na pandemia, o consumo e a questão do cuidado.

### 2 NOVO E “NOVO NOVO” REGIME DEMOGRÁFICO

**P**ara iniciar a discussão, como pano de fundo, chama-se a atenção para os processos que caracterizam o novo regime demográfico em curso nos últimos trinta anos, que foram afetados pela pandemia. Destacam-se dois pontos importantes: elevada esperança de vida ao nascer e nas idades avançadas e redução da população e da força de

---

1 Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (DISOC) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e professora, em tempo parcial, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Membro do Conselho Técnico do IBGE e membro honorário da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Suas áreas de interesse são Políticas Públicas, Estudos Populacionais e Arranjos Familiares, com ênfase em Envelhecimento Populacional. Editora e autora do livro *O Novo Regime Demográfico: uma Nova Relação entre a População e Desenvolvimento Econômico?* (2014) e tem vários artigos publicados em revistas indexadas como a *Revista de Saúde Pública*, *Cadernos de Saúde Coletiva* entre outras.

2 <https://valor.globo.com/eu-e/coluna/o-inevitavel-e-o-imprevisto.ghtml> acessado em 29/09/2020.

trabalho.<sup>3</sup> O que já se está presenciando é uma diminuição da expectativa de vida ao nascer de cerca de dois anos e da expectativa de vida aos 60 anos de 1,7 ano. Ou seja, se antes (2019) se chegava aos 60 anos, podendo-se esperar viver outros 23,7 anos, no final de 2020, esta expectativa caiu para 21,9<sup>4</sup>, ou seja, a velhice encurtou. Pergunta-se até quando irá esse processo? Ele é suficiente para se possa falar em um “novo novo” regime?

O segundo ponto trata de uma das características do novo regime que é a redução da população e da força de trabalho. Esta redução já está contratada e deve se iniciar por volta de 2035.<sup>5</sup> Além dela, a pandemia já trouxe uma diminuição da população idosa; até 31 de dezembro já tinham morrido cerca de 131 mil idosos, o que representa 0,5% desta população. Mesmo no caso da pandemia diminuir a sua intensidade, ou seja, a mortalidade por Covid-19 deixar de ser significativa, pode-se esperar uma diminuição de 2,8 ou de 1,3 milhões de pessoas idosas em 2040 comparativamente ao que já foi projetado pelo IBGE e pela autora, respectivamente.<sup>6</sup>

### 3 A EXPANSÃO DA SEGURIDADE SOCIAL E A TERCEIRA IDADE

O envelhecimento no Brasil tem uma característica muito particular e que foi muito decisiva para expansão do consumo nas fases mais avançadas da vida, a expansão da cobertura da seguridade social. Ela permitiu dissociar envelhecimento de pobreza e, além de resolver o problema de geração de renda para quem perde a capacidade laborativa, tem oferecido alternativas de serviço de cuidados psicológicos, sociais e culturais para uma população anteriormente marginalizada da vida social (Debert, 1999).

Ou seja, ao lado da expansão da seguridade social, da garantia da renda, o Estado brasileiro conjuntamente com o mercado privado tem oferecido uma gama de serviços para essa população. As universidades de terceira idade (UNATIs) têm proliferado pelo Brasil<sup>7</sup> bem como centros de convivência etc. A aposentadoria ou retiro, que significava um período de descanso, ida para os aposentos, passou a ser um período de atividades, de lazer, de busca de novos papéis sociais, de autoconhecimento, etc. (Debert, 1999).

Isso levou ao aparecimento de uma nova visão sobre a população idosa e o envelhecimento. A visão tradicional, que teve origem no período industrial, valorizava as pessoas pela sua capacidade de trabalho e marginalizava as que não podiam contribuir produtivamente. Ou seja, “o trabalho enobrece o homem”. A nova visão, em curso desde os anos 1990, é resultado, em grande parte, da expansão da cobertura seguridade social, do aumento da expectativa de vida nas idades avançadas e o aparecimento de um grupo de pessoas idosas que não são velhas no sentido de desgaste físico, doenças e inatividade. A velhice deixou de ser uma fase da vida

3 Ver Camarano, 2014.

4 Estimativas da autora.

5 Ver Camarano, 2014.

6 Ver IBGE (2018) e projeções da autora.

7 Ver Guimarães, Dias e Necha (2016).

marcada por perdas de papéis sociais, por retiro, ida para os aposentos e de doenças dando origem a uma nova visão.

#### 4 A TERCEIRA IDADE E O GRUPO DE RISCO

**E**ntre 1980 e 2019, a expectativa de vida aos 60 anos aumentou oito anos e meio; passou de 15,3 anos para 23,6 anos. Isto significa que aos 60 anos inicia-se uma fase da vida muito longa, mais longa do que a infância e adolescência juntas. Esta constatação fez com que vários estudiosos, como o filósofo inglês Peter Laslett (1996), denominasse essa fase como terceira idade ou fase das realizações, uma fase nova na História.

É uma fase da vida onde as pessoas têm tempo livre, pois já criaram os filhos, que teoricamente já saíram de casa, não precisam mais trabalhar para assegurar renda, pois recebem um benefício da Seguridade Social e tem saúde/autonomia. A fase onde as fragilidades passam a ser importantes passou a ser a quarta idade, que seria a antiga terceira.

Três requisitos são importantes para a existência da terceira idade: tempo livre, renda disponível e saúde/autonomia. De acordo com Laslett (1996), o tempo livre permite ao indivíduo fazer o que gostaria de ter feito ao longo da vida e não o fez por falta de tempo. O tempo livre e a autonomia significam o direito de ir e vir, o que tem sido ajudado pelas novas tecnologias, como *smartphones*, *uber* etc. No caso brasileiro, a definição dessa nova fase estava em sintonia com a geração que tinha entre 54 e 73 anos, em 2019, e representava 19% da população total; a geração dos *baby boomers*. São as pessoas que nasceram entre 1945 e 1965, que constituem não apenas uma coorte numerosa, mas uma coorte qualitativamente muito diferente, principalmente as mulheres. A sua trajetória de vida foi influenciada pela cultura do consumo; seus hábitos são muito mais parecidos com os dos seus filhos do que com os de seus pais quando tinham a mesma idade. Estão em melhores condições de saúde que seus pais nessa idade.

Quarenta e dois por cento desses *baby boomers* estavam no mercado de trabalho em 2019, o que representava 22% da força de trabalho brasileira. O rendimento médio desse grupo era 20% mais elevado do que a média dos rendimentos brasileiros e aí se concentrava cerca de 31% da renda das famílias brasileiras. Ou seja, é um grupo que pode adicionar um grande valor econômico, tanto como trabalhador quanto como consumidor.

Chama-se a atenção para a pressão que este grupo tem recebido com relação à obrigação de envelhecer saudável ou ativo para não se tornar um peso para a sociedade e os filhos. Isto se contrapõe ao contrato intergeracional vigente na nossa sociedade: os pais cuidam dos filhos e depois os filhos cuidam dos pais.

O imprevisto aconteceu! Primeiro a reforma da Previdência em 2019, e, em seguida, a pandemia. A reforma da previdência tem como um dos principais objetivos adiar a idade em que as pessoas se aposentam, via a estipulação de uma idade mínima, do aumento do tempo de contribuição e da redução do valor do benefício. A implementação total dos dois primeiros requisitos passa por um período de

transição, mas a redução do valor do benefício não. Ou seja, já está em vigor. Assim sendo, para se alcançar o valor máximo do benefício (100% da média de todos os salários de contribuição) são necessários 40 anos de contribuição, ou seja, pelo menos mais dez anos para as mulheres e mais cinco para os homens. Pode-se falar de uma redução dessa fase de realizações ou da terceira idade, pois ela vai começar mais tarde. No curto prazo, se as pessoas não adiarem a idade ao aposentar, terão uma redução da renda disponível para o consumo/lazer.

Por exemplo, excluindo a aposentadoria por invalidez, no período 2010-2018, os homens brasileiros se aposentavam em média aos 61 anos e as mulheres aos 60, média esta que ficou aproximadamente constante no período.<sup>8</sup> Essas idades não foram ainda afetadas pela reforma da previdência. Embora muitas dessas pessoas continuem trabalhando, ou seja, usufruindo do direito de ir e vir, em 2018 ainda teriam 21,6 e 25,3 anos de vida pela frente, homens e mulheres, respectivamente.<sup>9</sup> Ou seja, uma fase relativamente longa, que estava crescendo ao longo do tempo. Não se esperava uma reversão dessa tendência.

Além disso, a pandemia está reduzindo o tempo vivido por essas pessoas, o que se espera que seja temporário. Mantendo a mesma idade à aposentadoria e levando em conta os óbitos pela Covid-19, esse tempo teria caído para 19,9 e 23,7 anos, homens e mulheres, respectivamente. Ou seja, uma redução de 1,7 ano, em média. Espera-se que com o final da pandemia/vacina, essa diminuição possa ser revertida, mas ficará o impacto da reforma da previdência.

Chama-se a atenção para o fato da Covid-19 produzir um impacto maior nesse grupo populacional, ou seja, na terceira idade. Em primeiro lugar devido à sua maior mortalidade e, em segundo, pelo maior desemprego/saída da força de trabalho. Curiosamente, não são os muito idosos que são os mais afetados pela mortalidade; são os de 60 a 79 anos, ou seja, os *baby boomers*. Por exemplo, 42,1% das mortes, registradas por Covid-19 até 31 de dezembro de 2020, ocorreram nesses indivíduos.

De acordo com os dados da PNAD Contínua, entre o último trimestre de 2019 e o terceiro de 2020, cerca de 800 mil pessoas de 60 a 79 anos, os *baby boomers*, perderam o emprego; eram pessoas ocupadas que ficaram desocupadas. Além disto, outras 760 mil deixaram a força de trabalho, seja por preconceito, seja pelos procedimentos de proteção e prevenção da Covid, como isolamento social e confinamento e/ou por ter que cuidar de algum membro dependente; não estão procurando trabalho e não estão trabalhando. No total, são quase 1,6 milhão, sendo que quase dois terços, eram mulheres. A participação, principalmente das mulheres, no mercado de trabalho permite manter o estilo de vida e o mesmo padrão de consumo mantido durante o período laboral no pós-laboral.

Antes da pandemia, esses *baby boomers* não queriam viver a velhice vendo televisão, tricotando ou deitados esperando a vida passar. Queriam atividades de lazer, praticar exercícios, desfrutar de cultura, encontrar pessoas e redescobrir o melhor da vida dado que tinham tempo disponível e renda, mesmo que mínima

8 Dados extraídos do Infologo AEPS em 15/01/2021. No caso dos homens observou-se um aumento de 0,6 ano no período.

9 Estimativa da autora.

algumas vezes, para construir uma vida com mais qualidade e menos responsabilidades com o trabalho e a família. Com a pandemia perderam o seu patrimônio mais valioso que era a liberdade de ir e vir, ou seja, estão em uma prisão que não tem data de terminar. Essas práticas vão no sentido contrário do que prega as práticas do envelhecimento ativo, que é a integração/participação social.

Como resultado, pode-se falar de um aumento do preconceito contra idosos. Na verdade, este preconceito sempre existiu, mas até a pandemia os idosos não eram tão vulneráveis. A Mature Jobs fez uma pesquisa com mais de 4 mil entrevistados com 50 anos ou mais. Cerca de 39% alegou que a denominação “grupo de risco” para o coronavírus fez aumentar ainda mais o preconceito.<sup>10</sup> No início da pandemia, os idosos foram alvos frequentes de memes nas redes sociais, como “cata velho,” “gaiola para velho, “trocadilho” no cartaz de vaga de estacionamento; de idosos para “teimosos”.

Esses memes não levaram em conta que as aglomerações devem ser evitadas, na medida do possível, por toda a população. Os filhos/netos desempenham um papel importante no apoio, o que deve ser dado respeitando a autonomia dos idosos. A autonomia é uma das características mais importantes do envelhecimento ativo.

As medidas de prevenção requerem o distanciamento/isolamento social, mas aumenta a solidão, o que por sua vez, acarreta riscos para a saúde mental e o agravamento de doenças pré-existentes. Os idosos já padecem de uma solidão crônica, consequência da aposentadoria, da viuvez, das dificuldades motoras, das doenças crônicas limitantes, da perda da visão e/ou audição, o que fica reforçado com o isolamento social obrigatório.

Uma pesquisa nacional de envelhecimento saudável, feita pela Universidade de Michigan em junho de 2020, ouviu mais de dois mil adultos com idade entre cinquenta e oitenta anos. Um terço dos entrevistados declarou que tinha menos companhia do que antes da pandemia e quase a metade afirmou que a sensação de isolamento aumentara. Os contatos sociais caíram de forma drástica: em junho, 46% dos participantes da pesquisa alegaram falta de interação com familiares, amigos e vizinhos. Dois anos antes da pesquisa esse percentual fora de 28%.<sup>11</sup>

## 5 PANDEMIA E CONSUMO

**D**iscute-se a seguir, de que forma a pandemia está afetando o mercado de consumo no que tange à população idosa. Como já mencionado, a renda assegurada pela seguridade social aliada às melhores condições de saúde e o papel da sociedade de consumo que valoriza os indivíduos mais pela sua capacidade de consumidor que pela sua capacidade de produzir, levou a formação de um mercado importante (Buaes, 2008). No Brasil, está se falando de um poder de compra de cerca de 66 bilhões de reais mensais em 2019.<sup>12</sup>

10 <https://www.projetodraft.com/a-maturi-atua-na-valorizacao-e-recolocacao-dos-profissionais-maduros/>. Acessado em 18/01/2021.

11 <https://www.healthwire.co/loneliness-doubled-for-older-adults-in-first-month-of-pandemic/> Acessado em 26/01/2021.

12 Estão aí incluídos os rendimentos de todas as fontes. Estimativas feitas com os dados da PNAD Contínua de 2019.

Na cesta de consumo oferecida, a auto-preservação do corpo tem uma enorme importância. Os produtos mais atrativos são os que prometem a eterna juventude. Várias empresas já estão (ou estavam) se adaptando para atingir esse público crescente; demograficamente ainda é um grupo que cresce relativamente muito. Com a pandemia, muitos desses hábitos estão mudando. A vice-presidente de marca da Natura, Andrea Alvares, afirma que a pandemia trouxe mudança de determinados paradigmas: “A Covid-19 colocou por terra escolhas inerciais, que não questionávamos”.<sup>13</sup> Por exemplo, a pintura dos cabelos, o uso de batom e glosses no lábio. Muitas mulheres passaram a deixar os cabelos brancos, a não usar batom pela necessidade da máscara. Projeções da agência de tendências Euromonitor apontam para uma queda de 5% nas vendas de cosméticos em 2020, o que é associado, também, à queda da renda ocorrida na pandemia.<sup>14</sup> Mas dado que as máscaras de proteção vieram para ficar, abre-se uma nova perspectiva bem como para cosméticos para olhos e sobrancelhas.

As áreas de cultura, turismo e lazer foram muito incentivadas no pré-pandemia, pois permite a integração social dos idosos evitando a depressão e estes ainda contam com 50% de desconto nas atividades culturais. Várias empresas na maioria das grandes cidades ofereciam serviços de transporte e companhia para levar/acompanhar idosos nos teatros, museus, viagens, piqueniques etc. A companhia de viagens CVC programava cruzeiros para a terceira idade e foi criada uma associação de clubes da melhor idade (ABCMI) para incentivar turismo para pessoas de 50 anos ou mais. Não se sabe o que está acontecendo com essas atividades nesse momento de pandemia. O que se pode pensar agora são as experiências culturais imersivas. Mas pergunta-se em um país com tantas desigualdades sociais, quem poderá se beneficiar e ser incluído nessas novas experiências culturais?

Antes da pandemia, o mundo já estava se tornando cada vez mais digital e isto foi acelerado. Os encontros passaram a ser virtuais, inclusive nas ILPIs, as aulas à distância, o trabalho em casa, as conversas, telegráficas. O *WhatsApp* tem tido um papel importante para a divulgação de notícias de saúde e o estreitamento das redes de solidariedade que vão além dos laços familiares. Na pesquisa de Michigan já mencionada, na pandemia 59% dos idosos relataram usar as redes sociais semanalmente, enquanto 31% se valiam de videochamadas.<sup>15</sup> Questiona-se se isto vai resolver o problema da solidão e se está disponível para todos. Isso levanta a importância da inclusão digital.

Também já estava em curso soluções financeiras por internet, bancos e pagamentos de contas, o que foi acelerado pela pandemia. O serviço de entrega cresceu muito na pandemia. No Rio de Janeiro, foi promulgada a Lei 8.807 que estabelece prioridade nos serviços de entrega para idosos. No entanto, ainda existem muitos idosos, principalmente os mais idosos, com dificuldades para lidar com as tecnolo-

13 <https://www.abevd.org.br/cabelos-brancos-pouca-make-e-zero-esmalte-como-sera-a-beleza-pos-pandemia/> Acessado em 28/01/2021.

14 <https://www.abevd.org.br/cabelos-brancos-pouca-make-e-zero-esmalte-como-sera-a-beleza-pos-pandemia/> Acessado em 28/01/2021.

15 <https://www.healthwire.co/loneliness-doubled-for-older-adults-in-first-month-of-pandemic/> Acessado em 26/01/2021.

gias necessárias. Chama-se a atenção para a proliferação de golpes, onde os idosos são os maiores alvos

A plataforma de aluguel de temporada Airbnb também tem se tornado popular entre os usuários acima de 60 anos. Segundo a empresa, o número de hóspedes dessa faixa etária é o que tem mais crescido comparativamente a outras no Brasil.<sup>16</sup> Muitos idosos sozinhos ou apenas o casal, que moravam em casa grandes ou mesmo em apartamentos, estavam alugando quartos pelo Airbnb.

A pandemia de COVID-19 restringiu significativamente as viagens em todo o mundo. Nesse contexto, a plataforma tem sentido uma mudança no perfil de reservas; uma busca por estadias mais longas. Essa nova demanda tem sido de idosos e famílias em busca de mais espaço com o objetivo de preservar a sua saúde e bem-estar no cenário de confinamento social. Em março de 2020, o número de reservas para mais de 28 dias foi 24% maior que em março de 2019.<sup>17</sup>

## 6 A QUESTÃO DOS CUIDADOS

**N**em toda a população de 60 anos ou mais se enquadra na categoria dos boomers. Por exemplo, no Brasil, segundo o Inquérito Nacional de Saúde de 2013, aproximadamente 16% da população idosa tinha dificuldades para desempenhar as atividades básicas da vida diária,<sup>18</sup> sendo que 60,3% eram mulheres e aproximadamente um terço tinha 80 anos ou mais. Esse nível é muito alto se comparado com vários países europeus e ao Japão (Camarano, 2017).

Esse é um grupo consumidor de produtos financeiros (seguros de saúde e de cuidados), produtos farmacêuticos e de higiene, cuidados de longa duração e tecnologias assistivas. Alguns autores denominam as fases que estão essas pessoas de quarta idade, ou seja fase onde as fragilidades típicas da idade ocorrem.

A pandemia ressaltou uma questão que já mostrava a sua importância antes dela: cuidados das pessoas dependentes. Considerando as condições de saúde de 2013, os homens idosos brasileiros podiam esperar viver em média 4,2 anos e as mulheres, 4,7 anos dependendo de cuidados intensivos no final de suas vidas. Essa demanda é desigual por grupo sociais (Camarano, 2017).

Quem cuida? No mundo inteiro o cuidado familiar é o mais importante para qualquer grupo populacional, especialmente, crianças e idosos. Ele é fundamentado em um contrato social, existente dentre do grupo de parentesco ou familiar, baseado em normas, obrigações e trocas entre as gerações. Existe um consenso entre os especialistas que é melhor para os idosos frágeis serem cuidados em seus lares. Além disso, os custos do cuidado formal são muito elevados. A política nacional do idoso, o estatuto do idoso e a constituição de 1988 estabelecem que a família é a principal responsável pelos idosos dependentes. Essa premissa assume que esses cuidadores familiares não arcam com custos nem financeiros e nem emocionais no trabalho de cuidados.

16 <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/popular-entre-jovens-uso-de-airbnb-por-idosos-tambem-se-amplia-23112025>. Acessado em 27/01/2021.

17 <https://www.b9.com.br/124265/com-pandemia-idosos-e-familias-buscam-estadias-mais-longas-no-airbnb/> Acessado em 27/01/2021.

18 São: tomar banho, ir ao banheiro e se alimentar sozinhos.

No Brasil, segundo a PNAD Contínua de 2019, 5,1 milhões de pessoas disseram ter realizado cuidado de moradores de 60 anos ou mais. Entre esses cuidadores, predominaram as mulheres, 62,2%. É importante ressaltar que os idosos demandam cuidados, mas também cuidam. Das pessoas que disseram ter cuidado de idosos, 33% tinham 60 anos ou mais; 66% eram mulheres, 42% tinham mais de 60 anos e 32% tinham de 65 anos ou mais. É muito comum a mulher cuidar do marido, ou um idoso cuidar de outro idoso. Também foi observado que 118 mil empregadas domésticas desempenharam a função de cuidar.

Na linha de base da pesquisa ELSI, levada a campo em 2015 encontrou-se que 88% dos homens e 80,2% das mulheres recebiam cuidados de familiares não remunerados.<sup>19</sup> Estima-se que o número de cuidadores não remunerados em 2020, esteja em torno de quatro milhões de pessoas (Camarano, 2020). Chama-se a atenção ainda para uma diferença importante de gênero. Enquanto, 13% dos homens com limitação funcional residiam com filhos, netos, irmãos ou outros parentes, 25% das mulheres o faziam (Camarano, 2017). Isto significa que as mulheres cuidam dos seus maridos e quando eles morrem, elas ficam dependentes e vão para a casa dos seus filhos. Cerca de 75% das mulheres frágeis ficam nas suas casas e 25% vão para a casa de parentes. Os idosos que, mesmo na mesma condição de dependentes, ficam nas suas casas têm um nível de empoderamento maior do que os que moram na casa de filhos, genros ou irmãos. Como as mulheres predominam nessa forma de arranjo, a violência contra elas é maior. Também se encontra uma maior proporção de mulheres nas instituições de longa permanência.

Em sociedades onde a família ocupa um lugar importante na função de cuidar, os membros, em especial as mulheres, sofrerão uma grande pressão na busca do equilíbrio entre esta função (trabalho dentro de casa) e trabalho fora de casa. Já foi mencionado aqui a queda na participação das mulheres de 60 a 79 anos no mercado de trabalho.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

**O** que a Pandemia nos mostrou? Que “viver é perigoso”, como já dizia Guimarães Rosa.

A Covid-19 já atingiu mais de nove milhões de pessoas no Brasil e as medidas de prevenção levaram para a inatividade mais de 20 milhões com a consequente redução da renda. A redução também atingiu pessoas ocupadas, o que levou ao reforço das desigualdades sociais

Certamente, isto fará com que os consumidores coloquem como prioridade nos produtos e serviços a serem adquiridos segurança e preços. Essa preocupação vai atingir mais a população idosa, principalmente no que diz respeito aos produtos de beleza, higiene e alimentação, por exemplo, que adquirem. Ingredientes como antissépticos e antibacterianos deverão estar muito presente nas suas composições.

Sumarizando, novas prioridades orientarão o novo novo mercado de consumo.

19 Ver Giacominn et al (2018).



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>.

BUAES, C. S. A inserção mercadológica de novos consumidores: os velhos entram em cena. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

CAMARANO, A. A. Perspectivas de crescimento da população brasileira e algumas implicações. In: CAMARANO, A. A. (Org.). Novo Regime Demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Ipea, Rio de Janeiro, 2014.

CAMARANO, A. A. Condições de empregabilidade do trabalhador mais velho, 2017.

CAMARANO, A. A. Cuidados para a população idosa e seus cuidadores: demandas e alternativas. Nota técnica 64, Ipea, 2020.

DEBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 1999.

GUIMARÃES, M.; DIAS, R. C. e NECHA, R. M. A Universidade para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa In: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A.A e GIACOMIN K. C. Política nacional do idoso: velhas e novas questões, Rio de Janeiro, Ipea, 2016.

GIACOMIN, K. C.; DUARTE, Y. A. O.; CAMARANO, A. A.; NUNES, D. P.; FERNANDES, D. Cuidados e limitações funcionais em atividades cotidianas - Elsi - Brasil. Revista de Saúde Pública, v. 52, p. 1s-12s, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2010-2060, Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

LASLETT, P. A Fresh Map of Life. Macmillan Press, London, UK, 1996.

RIO DE JANEIRO. Lei nº 8.807, de 7 de maio de 2020. Dispõe sobre a obrigatoriedade de prioridade de atendimento do serviço de delivery aos idosos.